

Amor e isolamento dos corpos: inflexões do viver na pandemia em 2020

Fabiana Rodrigues Barbosa e Fabio Menezes dos Anjos

Resumo

Este artigo foi escrito após os primeiros meses da eclosão da pandemia do coronavírus no Brasil em 2020, objetivando discutir seus efeitos psíquicos e sociais a partir de inquietações de dois psicanalistas com escuta no campo clínico e social. Seguindo os eixos teórico-clínico e social, a análise dos dados privilegia o amor, o corpo, o mal-estar e o não-todo, conforme discutidos por Lacan nos anos 1970. A magnitude da pandemia evidencia a finitude e a castração. Algumas de suas faces parecem exacerbar o funcionamento neoliberal, as relações interpessoais mediadas pela tecnologia e pelos *gadgets*, e a preocupação com a produtividade. Os efeitos não são os mesmos para todos, e os grupos sociais marginalizados são mais impactados. A ciência, a política e a medicina mostram-se incapazes de dar conta da contingência. No capitalismo, amor e sexo são deixados de lado, levando ao desenlace. Vivencia-se o corpo vulnerável e mortal, passível de infectar e de ser infectado pelo outro. A retomada do discurso da psicanálise aponta para o não-todo como possibilidade de outras formas de relação com o saber e de laço. Se, conforme Soler, o amor procede do encontro, o que podemos nesse momento em que o deslocamento dos corpos está restrito? Quais as possíveis formas de laço a partir do não-todo?

Palavras-chave:

Não-todo; Amor; Laço; Coronavírus; Capitalismo.

Love and isolation of bodies: inflections of living the pandemic in 2020

Abstract

This article was written after the first months of the outbreak of the coronavirus pandemic in Brazil, in the year of 2020, aiming to discuss its psychic and social effects, based on concerns arising from the clinical practice of two psychoanalysts. Following the theoretical-clinical and social axes, the data analysis focuses on love, the body, malaise and the not-all, as discussed by Lacan in the early 1970s.

The magnitude of the pandemic highlights finitude and castration. Some of its faces seem to exacerbate neoliberal way of life, interpersonal relationships mediated by technology, the use of gadgets and concern for productivity. The effects are not the same for everyone, and marginalized groups of society are most impacted. Science, politics and medicine are unable to deal with the contingency. In capitalism, love and sex are cast aside, leading to unlinking. The vulnerable and mortal body is experienced, able to infect and being infected by the other. The resumption of the psychoanalysis' discourse points to the not-all as another way of relationship with knowledge and bond. If, according to Soler, love proceeds from the encounter, what can we do at this moment when the movement of bodies is restricted? What are the possible forms of bonding from the not-all?

Keywords:

Not-all; Love; Bond; Coronavirus; Capitalism.

Amor y aislamiento de los cuerpos: inflexiones de vivir la pandemia en 2020

Resumen

Este artículo fue producido después de los primeros meses del brote de la pandemia de coronavirus en Brasil en 2020, con el objetivo de discutir sus efectos psíquicos y sociales, a partir de las inquietudes de dos psicoanalistas que escuchan en el campo clínico y social. Siguiendo los ejes teórico-clínico y social, el análisis de datos favorece el amor, el cuerpo, el malestar y el no-todo, como lo discutió Lacan en la década de 1970. Una pandemia de esta magnitud pone de relieve la finitud y la castración. Algunos de sus rostros parecen exacerbar el funcionamiento neoliberal, sus relaciones interpersonales mediadas por la tecnología, los gadgets y la preocupación por la productividad. Los efectos no son los mismos para todos, y los grupos marginados en la sociedad son los más afectados. La ciencia, la política y la medicina son incapaces de explicar la contingencia. En el capitalismo, el amor y el sexo se dejan a un lado, lo que conduce al desenlace. Se experimenta el cuerpo vulnerable y mortal, capaz de contagiar y ser contagiado por el otro. La retomada del discurso del psicoanálisis apunta al no-todo como posibilidad de otras formas de vínculo con el saber y el lazo. Si, según Soler, el amor procede del encuentro, se propone pensar qué podemos hacer en este momento en que se restringe el movimiento de los cuerpos, y en las posibles formas de unión por lo no-todo.

Palabras clave:

No-todo; Amor; Enlace; Coronavirus; Capitalismo.

Amor et isolement des corps : inflexions du vivre dans la pandémie en 2020

Résumé

Cet article se produit après les premiers mois de l'apparition de la pandémie de coronavirus au Brésil en 2020, ayant pour but discuter ses effets psychiques et sociaux, à partir des inquiétudes de deux psychanalystes à l'écoute dans le domaine clinique et social. Suivant les axes théorico-clinique et social, l'analyse des données privilégie l'amour, le corps, le malaise et le pas-tout, comme discuté par Lacan, dans les années 1970. Une pandémie de cette ampleur met en évidence la finitude et la castration. Certaines de ses facettes semblent exacerber le fonctionnement néolibéral, les relations interpersonnelles médiatisées par la technologie, les gadgets et le souci de la productivité. Les effets ne sont pas les mêmes pour tous, et les groupes marginalisés de la société sont plus affectés. La science, la politique et la médecine sont incapables de faire face à la contingence. Dans le capitalisme, l'amour et le sexe sont mis à côté, conduisant au dénouement. On vit le corps vulnérable et mortel, susceptible d'infecter et d'être infecté par l'autre. La reprise du discours de la psychanalyse pointe vers le pas-tout comme possibilité d'autres formes de rapport au savoir et au lien. Si, selon Soler, l'amour vient de la rencontre, on propose de réfléchir sur que on faire en ce moment où le déplacement des corps est restreint et sur quelles sont les formes possibles de lien, à partir du pas-tout.

Mots-clés :

Pas-tout; Amor; Lien; Coronavirus; Capitalisme.

Introdução

Este artigo foi escrito após os primeiros meses da eclosão da pandemia do coronavírus no Brasil em 2020, que impôs como medida de segurança o isolamento dos corpos. O cenário da época produziu efeitos sobre o mal-estar observado na sociedade neoliberal, este associado, entre outros fatores, ao imperativo do gozo em Lacan (1972-1973/2008, p. 11). Um mal-estar relacionado à experiência com a falta era ali acrescido de ameaça constante da perda de si e dos entes amados, e colocava em evidência a finitude e a castração. O contexto nos permitiu e impeliu a discutir sua relação com a universalidade e o não-todo de Lacan, objetivo deste artigo. Com a necessidade do isolamento dos corpos para evitar a infecção e o risco da morte, vimos os efeitos nas relações sociais e sobretudo na clínica, com a constrição levando ao encapsulamento na intimidade do lar (ou pior, em um lar sem intimidade), com a demanda de autopreservação, o que tem efeitos no amor.

Como sabemos, desde Freud (1930/2010) está posta a questão do amor para a psicanálise como aspecto fundamental do psiquismo, das relações entre os falantes e como elemento determinante à felicidade ou à infelicidade.

Escrever durante a pandemia trouxe consigo alguns riscos, próprios de quem se envolve com a proposta de colocar em palavra o que está vivendo, sem um *après-coup* que permita observar os efeitos e sentidos produzidos *a posteriori* e sem a distância do tempo que ajusta o foco da visão entre as partes e o todo. Entre os valores de se escrever enquanto se inscreve o agora, contudo, podemos pensar na função de relato, como registro que fornece pistas do caminho trilhado e que pode ser propício a futuras análises. A proposta do escrito não era responder a perguntas irrespondíveis, mas produzir material que pudesse contribuir para a produção de um saber. Somar reatividade ao contato com o presente não nos interessava, conforme Iaconelli (2020), que nos lembra que a produção de sentido vem aos poucos e precisa também do silêncio. Assim, decidimos manter o texto o mais fiel possível ao que foi escrito à época, assumindo o risco de alguns pontos, sobretudo os mais contextuais, terem “envelhecido mal”. Acreditamos que é dessa maneira que podemos oferecer uma maior contribuição para as discussões atuais e vindouras.

Nosso objetivo, no contexto, foi elaborar boas perguntas, de modo a discutir os efeitos do coronavírus sobre o psiquismo e a sociedade. Para isso, recorreremos às articulações de Jacques Lacan referentes aos temas do amor, do não-todo e do corpo em seus seminários e escritos do início dos anos 1970. Consideramos também em nossas análises a realidade sociopolítica brasileira, já que o trabalho partia de inquietações produzidas pela vivência de dois psicanalistas, na escuta de dizeres e sintomas no campo de suas clínicas e no campo social. Aos textos e seminários de Lacan somamos leituras de comentaristas que discutem os temas em questão e também de autores que já se dedicavam a pensar a pandemia do coronavírus e seus efeitos no mal-estar já existente na cultura naquele momento.

A partir do tensionamento entre tais autores e das contingências que nos atravessavam, seguimos dois eixos, constantemente entrelaçados, conforme se entende na psicanálise desde Freud: o eixo teórico-clínico, abrangendo os temas do amor, do não-todo, do corpo e do discurso do analista; e o eixo social, abrangendo os temas do laço, do desenlace e do mal-estar relacionado ao capitalismo. A partir das leituras, pudemos definir categorias de análise que nortearam a discussão. Tendo sido feita essa pequena contextualização do texto que segue, vamos a ele.

O coronavírus

Alguns momentos da história da humanidade se inscrevem como cortes, impondo uma divisão entre antes e depois, como são os casos da Revolução Industrial e das guerras mundiais. O surgimento da pandemia do coronavírus parece, em 2020, apresentar-se como mais um desses cortes, pelos efeitos biológicos

do vírus e por aquilo que ele tem produzido nos viventes, em nível individual e coletivo. A ordem de outrora não é visível ou vivenciável, e, como dizia Lacan (1974/2003, p. 531), “é próprio da ordem, ali onde existe um mínimo dela, não se ter que apreciá-la, já que está estabelecida”. A pandemia do coronavírus gera mudanças com efeitos arrebatadores no cotidiano e nas subjetividades. Novas formas de viver e se relacionar permitem pensar as que antes predominavam, com reflexões sobre as transformações em curso e o que se pode produzir a partir disso. Consideramos essa análise fundamental, já que, conforme pontua Krenak (2019), pensar somente no futuro ou ficar preso no passado seria negar o presente.

Informações sobre as características e os efeitos do vírus são ainda escassas e pouco precisas. O discurso científico buscou formar alguns consensos, ainda que frágeis, que se encontram em constante atualização e geram divergências entre pesquisadores. Ainda não se sabe ao certo sua taxa de mortalidade, embora se considere que ela seja mais baixa do que outras epidemias, como o Ebola. A transmissibilidade do coronavírus, contudo, é alta, o que leva a riscos para os sistemas de saúde e a números elevados de óbitos.¹ O discurso científico sobre o coronavírus, como em outras situações epidemiológicas, estabelece grupos de risco nos quais a mortalidade seria maior, o que nem sempre condiz com a realidade,² de modo que a indicação de tais grupos de risco mais parece uma tentativa de tamponar a angústia da castração, já que se criam consequentemente ilusórios grupos “fora de risco”.

Observamos, em tal contexto, a pluralidade de nomeações da resposta à pandemia: isolamento social, distanciamento social, confinamento, *lockdown* e quarentena. A variedade de significantes diz das diferentes formas como cada um vivencia tal momento e como percebe a relação com o outro e com o Outro. Na ausência de informações claras e precisas, os falantes são forçados a procurar sentidos próprios que permitam dar conta da incerteza vivida. O significante utilizado diz de algo do singular, e, no presente trabalho, nossa escolha foi por isolamento dos corpos, entendendo que há, apesar do distanciamento físico, possibilidades para formação e manutenção de laços.

O coronavírus coloca em questão o medo do próprio adoecimento e da finitude, o da transmissão ao próximo e de sua possível morte. Nesse sentido, uma das produções da pandemia é o agravamento de traços persecutórios nas relações, na medida em que ninguém pode afirmar ao certo se está infectado, já que não há

1 A sobrecarga impede o tratamento de todos os necessitados, o que, por sua vez, agrava o risco de óbitos. É relevante também levar em consideração que há subnotificação de casos, já que há ainda pouca testagem no Brasil.

2 Embora as evidências apontem para problemas cardíacos, diabetes e outras questões, como comorbidades significativas, não parece ser possível apontar relações mais claras, ou quais problemas de saúde seriam realmente irrelevantes para infecções pelo coronavírus.

testagem suficiente no país e a maioria dos casos se apresenta de modo assintomático. Isso leva, em muitos casos, a um maior isolamento dos corpos, como forma de manter o outro a salvo de si mesmo, dando margem a todo tipo de fantasias, já que, desde Freud (1915 [1917]/2010), sabemos que a perda do objeto de amor é uma das principais fontes de sofrimento. Paradoxalmente, a persecutoriedade também se associa ao medo de ser contaminado pelo outro, intensificando o isolamento.

Embora o isolamento dos corpos gerado pela crise do coronavírus seja percebido como um fato novo na vida social, algumas de suas faces parecem ser uma exacerbação de formas de relacionamento na sociedade neoliberal. O distanciamento físico, as relações interpessoais mediadas pela tecnologia e por *gadgets*, e a preocupação com a manutenção da produtividade acima de tudo já se observavam em grande medida no capitalismo. A diferença é que antes da pandemia havia a ilusão de escolha por parte dos falantes por tal modo de vida. A perda de tal ilusão não se dá sem consequências psíquicas.

Questões políticas

Pouco após o decreto de estado de calamidade pública no Brasil em razão da pandemia, surge um *podcast* nomeado *Psicanálise de conjuntura*, gerido por um estudante de filosofia, um psicanalista e uma socióloga (Barros, Ambra, & Moschkovich, 2020), trazendo perguntas que ressoam com nossas pesquisas. Tais questionamentos se referem a aspectos de cultura, política, corpo e clínica — elementos que se entrelaçam e muitas vezes se confundem — em um debate sobre como estamos vivendo tal contingência. Como ficamos em meio a isso, e o que é possível a partir daqui, em todas essas dimensões?

Algo que não se pode negar é que, ao questionarmos as consequências da separação dos corpos, não falamos sobre uma igualdade dessas consequências para todos, como nos mostra o aprofundamento da marginalidade e da vulnerabilidade de corpos negros, indígenas, campesinos, pobres, em situação de rua, prostitutos, trans, travestis e não binários. O feminicídio aumentou em até 100% em algumas regiões do país (O Livre, 2020). O trabalho e a remuneração tornaram-se ainda mais escassos, e o presidente da República nega os riscos à vida dos mais vulneráveis, deixando-os morrer. Estarão esses corpos violentados livres para o amor? E nós, que temos casa, comida e algum conforto, ficaremos confinados em nossos privilégios? Intensificam-se contradições mobilizadoras da luta de classes, gênero e raça. Como nos articularemos politicamente em assembleias, atos e reuniões em plena pandemia?

A exacerbação do uso do virtual também tem suas consequências. O que é possível para quem ficava de fora desse acesso? Aos que podem, o virtual possibilita

sustentar a clínica psicanalítica, inclusive por meio de redes de trabalho social, que a tornam acessível a não pagantes. Em nossa experiência de meses de atendimento exclusivamente virtual, emergem, entre alguns analisantes, especialmente os que seguem por sessões somente por áudio, *insights* nunca antes apresentados em presença física no consultório, sobre relacionamentos, sexo e amor. Seria isso resultado das contingências pandêmicas, produzindo movimentos, elaborações e construções nas análises pessoais? Ou de certa ausência da imagem do analista, mesmo em momentos antes e após a sessão?

O laço social no neoliberalismo e na pandemia

No contexto do coronavírus, na medida em que a contingência parece despir de nós a crença em discursos totalizantes que antes poderiam tamponar angústias, a castração se mostra. A ciência e a medicina se mostram incapazes de dar conta da pandemia; governos se mostram perdidos diante dos efeitos da crise, recorrendo ao enclausuramento e ao controle dos cidadãos para oferecer alguma medida de segurança. O risco do colapso do sistema de saúde escancara o despreparo para algo dessa magnitude. Há incerteza quanto à transparência dos números de casos e falecimentos, tanto pela incapacidade de testagem quanto por motivações políticas. Ainda assim, mantêm-se as demandas por respostas oriundas de tais discursos, como aponta Lacan (1974/2003, p. 511):

A cura é uma demanda que parte da voz do sofredor, de alguém que sofre de seu corpo ou seu pensamento. O espantoso é que haja uma resposta, e que, desde sempre, a medicina tenha acertado na mosca por meio de palavras.

Em Lacan, encontramos também articulações entre o capitalismo, o amor e o sexual que consideramos relevantes para a discussão: “Trata-se do capitalismo reposto em ordem. Da época, portanto, propícia quanto ao sexo, já que, na verdade, foi disso que partiu o capitalismo, de jogá-lo para escanteio” (Lacan, 1974/2003, p. 531). E, sobre os efeitos do discurso capitalista, Lacan (1972/2011, p. 88) nos provoca: “Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor, meus bons amigos. Como vocês veem, isso não é pouca coisa, certo?”

Soler (2016, p. 7) aponta que “a experiência principal em nossas sociedades é atualmente o desenlace, ou a ameaça de desenlace. O desenlace é experimentado no trabalho, na estrutura familiar e nas relações ditas amorosas”. Tal efeito é atribuído ao capitalismo, que, embora seja globalizante, é associal. Suas consequências estão presentes em todas as partes e não são estranhas aos consultórios

psicanalíticos. Entre as queixas, as principais são a solidão e a precariedade, que podem ser pensadas em função do “triunfo do individualismo cínico, do declínio dos valores universais e da fragilidade dos apegos, quer sejam de casal, de geração ou mesmo de vizinhança. Isto se traduz em afetos: desencantamento, decepção e... desconfiança” (Soler, 2016, p. 9). Tais afetos se somam a outros citados previamente por Lacan, a saber, tédio e morosidade, que “se denunciam — em palavras e até em atos — nos jovens que se entregam a relações sem repressão” (Lacan, 1974/2003, p. 530). Tudo isso contribui para “a precariedade dos casais, grande fenômeno de época que é diferente do problema da fidelidade, e que conduz muitos sujeitos ao psicanalista” (Soler, 2016, p. 12).

Nesse contexto, a clínica na pandemia traz notícias de que a suspensão dos ritos do corpo a corpo, do beijo, do abraço e do funeral pode intensificar a desesperança e a imobilidade. Da exigência da função do analista como objeto *a*, que cause desejo de desejo (Lacan, 1962/2005, p. 33), emergem novas possibilidades, como a ritualização das mortes por meio de cartas e memoriais erigidos pelos familiares para os entes mortos. Os sujeitos em seus corpos isolados podem escutar-se, cuidar de si e do outro, e trabalhar subjetiva e produtivamente, em vez de reprodutivamente. Eis que o discurso analítico pode ser visto como uma alternativa ao tratamento dos efeitos da contingência nos falantes, na medida em que é um discurso que pode fazer frente ao capitalismo. Sua importância é colocada pelo próprio Lacan (1974/2003, p. 529):

Ora, o discurso analítico, por sua vez, traz uma promessa: introduzir o novo. E isso, coisa incrível, no campo a partir do qual se produz o inconsciente, já que seus impasses, certamente entre outros, mas em primeiro lugar, revelam-se no amor.

É fundamental manter a psicanálise presente em tais discussões, sobretudo no que concerne ao amor, para que as noções deste não fiquem à mercê dos discursos da ciência, da religião e da medicina. Delas, poucas novidades podem surgir, mesmo que se encontrem respostas às questões do coronavírus: “não se pode, pela observação do que nos chega aos sentidos, isto é, pela perversão, construir nada de novo no amor” (Lacan, 1974/2003, p. 532). Tal perversão pode ser lida como a maneira pela qual a ciência, com seus métodos e objetivos, fetichiza a observação de causas e efeitos sensoriais. Dessa maneira, o discurso científico incorre em um exercício de poder, mantendo-se em um lugar de autoridade, em pacto com o capitalismo. Desde *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (Lacan, 1958/1998), estamos advertidos por Lacan dos riscos dos exercícios de poder.

Não-todo amor em tempos de pandemia

Seria possível que essa dramática contingência, que subtrai os corpos da cena social, produza esvaziamento do “gozo do corpo do outro”, que, segundo Lacan (1972-1973/2008, p. 11), “não é o signo do amor”? Tal contingência nos levaria a testemunhar a abertura de espaço, para que nos psiquismos dos viventes em meio à pandemia emergja o não-todo (Lacan, 1972-1973/2008, p. 61) e outro tipo de amor possível, aquele que vem em “suplência à relação sexual” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 51)? Pois, do amor, “não é o sentido que importa, mas o signo, como em outros lugares. É justamente nisso que está todo o drama” (Lacan, 1974/2003, p. 539).

O mal-estar apontado por Freud (1930/2010) segue pairando na cultura, e, como diz Lacan (1974/2003, p. 359), ao tratar do discurso do analista, “nenhuma efervescência — que é também suscitada por ele — seria capaz de suspender o que ele atesta de uma maldição sobre o sexo, evocada por Freud em seu *Mal-estar*”. No contexto da pandemia, é vivenciado o corpo vulnerável e mortal, passível de infectar e de ser infectado pelo outro. Isso também traz notícias da castração, dessa vez como uma nova forma de impossibilidade de a relação de se inscrever. Escancaram-se a condição compartilhada da vida social, a interdependência, a porosidade. Como consequência fatal, diante dessa interdependência e da desigualdade social disseminada, vem ocorrendo o aumento da probabilidade de morrer (Lupion, 2020). O corpo individual e o social vivem, desde sempre, um arriscado e inescapável laço, conforme Butler (citado por Yancy, 2020):

Somos entregues desde o início a um mundo de outros que nunca escolhemos para nos tornarmos seres mais ou menos singulares. (...) O que outra pessoa expira, eu posso inspirar, e algo da minha respiração pode encontrar seu caminho para ainda outra pessoa. O traço humano que alguém deixa em um objeto pode muito bem ser o que toco, transmito a outra superfície ou absorvo em meu próprio corpo. (...) Esses modos de compartilhamento recíprocos e materiais descrevem uma dimensão crucial de nossa vulnerabilidade, entrelaçamento e interdependência de nossa vida social corporificada.

No contexto do coronavírus, porém, essa transmissão do traço humano pela via do toque adquire contornos ainda mais delicados, na medida em que há algo que coloca a vida em risco e pode ser transmitido. Com Lacan (1972-1973/2008), podemos pensar que a vivência dessa vulnerabilidade, essa topada com a castração, pode gerar o acesso do singular à sua forma de amar, ao reconhecer que precisa do ser amado e que perdê-lo causaria imenso sofrimento. Prates (2019, p. 212) re-

lembra que Lacan evoca a feminilidade para dizer de certo tipo de gozo que pode se assumir não-todo e fazer “tremer a rocha da castração”. Um gozo diferente do que se encontra nos discursos totalizantes, articulando-se à contingência.

O coronavírus trouxe consigo a exposição inegável dos furos nesses discursos. Diante da queda da confiança em discursos dogmáticos técnicos, médicos ou políticos, surge o questionamento sobre como é possível responder como sujeitos e analistas. Se a tendência capitalista é a de que se busquem novos discursos totalizantes, a psicanálise, em seu discurso, aponta para o não-todo como possibilidade de produção de outras formas de relação com o saber sobre si, o outro e o Outro. Ainda esperamos para ver como o capitalismo responderá a isso, e é algo que será decisivo para os efeitos futuros da presente discussão. Haveria o declínio neoliberal e capitalista, vítima de um golpe mortal, como diz Zizek (2020)? Ou o capitalismo superará essa crise e se adaptará, fortalecendo-se ainda mais, posição de Han (2020)?

Como responderemos na condição de sujeitos e membros da cena política? Permaneceremos inertes diante do sequestro do debate político pela extrema direita, a serviço do grande capital, como conclamam Brum (2020) e Latour (2020)? Estaremos fragilizados ou raivosos demais, alvos fáceis do agravamento do massacre de nossos recursos psíquicos, profissionais e físicos, ou haverá alguma produção de resistência? O que será produzido após o confronto com a pergunta que não cala a cada dia de isolamento — que vida é essa que vínhamos levando lá fora?

A contingência desorienta momentaneamente. A saída parece ser coletiva, e não é possível prescindir do amor. Diz Lacan (1972-1973/2008, p. 13) que o amor quer fazer Um, mas o isolamento dos corpos dialoga com a afirmativa lacaniana de que “não há relação sexual”, e Lacan (1972-1973/2008, p. 16) afirma que “é nisso que se escoram os avanços do discurso analítico”. A completude, em geral buscada na intimidade da cama, como diz Lacan (1972-1973/2008, p. 10), passa a não ser suficiente quando a cama é parte da constrição imposta pelo isolamento da pandemia, não havendo a dimensão da escolha. A intimidade é posta em xeque de modo inescapável. Como obter o espaço singular necessário quando não se pode sair de casa? Diante da topada com a castração, meios virtuais de amor e afeto propiciam alguma possibilidade de escape da bolha narcísica. Poderá esse amor ser solidário, ou o individualismo se exacerbará? Esse tipo de amor se articularia ao que Lacan (1972-1973/2008 p. 51) ventila como outro tipo de amor possível? Poderia operar pelo não-todo, em um impulso de abertura, laço em diversidade, alteridade, política, por uma luta em busca do melhor? Melhor para quem?

Aparentemente, o melhor e o pior da humanidade se desvelarão. Amor-todo e não-todo amor. Não nos enganemos: o não-todo amor pode estar no campo do melhor de nós porvir, se formos capazes de furar a colonização do Outro e seu “imperativo de gozo” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 11). Aquele mesmo que funda um Superego tirânico, que impõe: “Goza!”, “Produz!”, “Consome, e assim, gozará!”. Soler (2016, p. 11-12) aponta a conjuntura atual, feita de

(...) novos imperativos, de sucesso, de consumo, de gozo; de novas possibilidades com o remanejamento da vida cotidiana pelos objetos da técnica, e tudo aquilo que não sendo proibido se torna obrigatório, o possível se converte em tirania dos *gadgets*.

Quanto ao amor, Soler (2016, p. 58) oferece sua perspectiva:

(...) aquilo que nunca é fracassado no amor e que, aliás, assegura que ele sobreviva a todos os fracassos, a todos os insucessos, e sabemos a que ponto não há nada que ensine isso, nenhum aviso e, mais grave, nenhuma experiência, portanto aquilo que nunca é fracassado é que ele procede do registro do encontro, contrariamente à ideia que parece dominante em Freud. E, o encontro, bem, ele não deixa [*rate*] de se repetir. Seria necessário não dizer amor sempre, mas amor ainda.

Esse ainda, *encore*, em-corpo (*en-corps*), é algo a se considerar diante dos desdobramentos do coronavírus para o laço. Pois, se o amor procede do registro do encontro, e se podemos, com Soler, pensar no encontro como algo que reúne os corpos, como pensar o momento em que o deslocamento dos corpos está restrito? A tecnologia, que já vinha sendo empregada para aproximar pessoas distantes, torna-se praticamente a única via possível de contato seguro. Nesse aspecto, há uma contradição no capitalismo, apontada por Soler (2016, p. 15): “o discurso capitalista, do qual dizemos e constatamos que desfaz os laços, é também aquele que multiplicou ao máximo as possibilidades de relação, dando a eles instrumentos inéditos”. Resta, então, o virtual. Encontro sem encontro? “O laço social supõe sempre ordenar os corpos”, diz Soler (2016, p. 113), e se há algo que o coronavírus certamente trouxe foi um reordenamento dos corpos e das relações. Ainda assim, se o encontro físico não é possível, há algo que nos une: encontrarmo-nos todos sob o risco de infecção e diante da topada com a constatação. Viver é arriscado. Haveria um laço possível na pandemia, um laço (*a*)corporal? Consideramos mais interessante deixar essa pergunta no ar — que ainda respiramos — do que respondê-la.

Considerações finais

Na escrita deste artigo, sempre estive em questão que a fazíamos conforme se desenrolavam os fatos da pandemia, que ainda persiste. No período da produção, observamos a adesão de uma parcela da população ao isolamento, a diminuição da adesão, o crescimento significativo do número de casos e óbitos, o planejamento da reabertura dos serviços e da economia, a queda de dois ministros da Saúde, o surgimento de protestos pelo mundo contra o racismo e a violência policial dirigida à população negra. Em meio a tudo isso, o presidente do Brasil adotou uma

postura omissa e dissimulada, tratando o coronavírus como uma “gripezinha” e demonstrando se preocupar mais com sua disputa pessoal contra a mídia e com proteger seus filhos e seu governo de investigações variadas. Todo esse contexto levou ao movimento constante de revisitar nossa escrita e a questionamentos, de modo a tentar elaborar os novos acontecimentos e ressignificá-los, quando cabível. Não acreditamos que esse processo se encerre com o término deste artigo. A ciência está se movimentando para entender, tratar e buscar uma cura ao coronavírus, e inúmeras vacinas se encontram em fase de testes. Ainda assim, os efeitos econômicos e sociais da pandemia serão sentidos por muito tempo. Não se pode dizer se o que surgirá disso será o novo, ou se retornaremos ao momento em que nos encontrávamos antes da pandemia, uma revolução que leva de volta ao ponto de partida, conforme aponta Lacan (1969-1970/1992). Mas é fundamental que a psicanálise se faça presente no debate.

Podemos, então, pensar com Lacan que, enquanto o capitalismo reinar, poderá ser furado pelo discurso do analista. A voz, que produz efeito sobre o corpo, toca a subjetividade a partir de suas bordas, e entre elas a pele. Essa mesma, que produz experiências táteis, mas que, na pandemia, é meio de infecção. Essa pele, a partir da qual somos tocados, é um órgão erógeno (Freud, 1905/2016), ligado ao desejo, e traz notícias de ações. O que tem ocorrido, então, com essas ações dos viventes desprovidos de experiências táteis em seus corpos isolados? O contato com a finitude levará ao movimento, ao ato, a passagens que apontam para importantes momentos analíticos? Em tempos de pandemia, a vida, cujo valor é colocado em pauta, clama pelo ato que advém do contato bruto com a urgência do desejo. O coronavírus será algo que im-pele, com-pele ou ex-pele? Não existe vida sem riscos.

Entre pontos a serem desenvolvidos em trabalhos no futuro próximo, em continuidade aos já elaborados aqui, destacam-se os seguintes. Na lida com a experiência da imagem, imaginária, o que pode o psicanalista em seus atendimentos virtuais na quarentena? A práxis clínica se transformou bruscamente no contexto pandêmico. Se soubermos nos atentar, pedem atenção especial questões como a presença do analista (qual presença, em dispositivos virtuais?); os objetos pulsionais voz e olhar, este último já posto desde Freud (1905/2016, pp. 73-120); as resistências do analista; as resistências ao inconsciente, na medida em que as queixas muitas vezes dirigem-se ao medo da morte, não mais apenas simbólica, mas concretamente; a passagem ao divã; a transferência; a direção do tratamento propriamente dita.

De toda forma, o discurso do analista é ato que se inscreve na linguagem, capturado pela borda tátil — pele — do analisante, e atua como causa de desejo nessas passagens entre a pele e o inconsciente; o eu e o outro; o dito e o não dito da linguagem. São tempos propícios à psicanálise dos sujeitos do inconsciente.

Referências bibliográficas

- Barros, D. R., Ambra, P., & Moschkovich, M. (2020). O amor nos tempos do corona. *Psicanálise de conjuntura*, ep. 2. Recuperado em 13 abril, 2020, de <https://senscast.org/2020/podcast/psicanalise-de-conjuntura-02-amor-nos-tempos-corona/>
- Belo, F. (2020). *Clínica psicanalítica on-line*. São Paulo: Zagodoni.
- Brum, E. (2020). O futuro pós-coronavírus já está em disputa: como impedir que o capitalismo, que já nos roubou o presente, nos roube também o amanhã? *El País*. Opinião. Recuperado em 13 abril, 2020, de https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html?ssm=FB_CC
- Butler, J. (2020). Judith Butler: o luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. In G. Yancy. *Carta Maior*. Pelo mundo. Recuperado em 8 maio, 2020, de <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPelo-Mundo%2FJudith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades%2F6%2F47390&fbclid=IwAR0m73bHejbPQkjG5L8oyS2K7WaEhpy12y8UttlDWILiV20ChaW0BolVp4I#.XrNDGb6Lb2s.facebook>
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12, pp. 170-194). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915 [1917])
- Freud, S. (2010). O mal-estar na cultura. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, pp. 13-354). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Han, B.-C. (2020). O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. *El País*. Opinião. Recuperado em 5 maio, 2020, de <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>
- Iaconelli, V. (2020). Fala durante o evento *Corpos isolados, corpos em fronteira: qual a potência de um corpo confinado?* São Paulo: Feminino Objeto. Ocupação digital realizada pela plataforma Zoom em 17 de abril de 2020.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Schwarcz.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Saint-Anne*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Latour, B. (2020). Imaginando gestos que barrem o retorno ao consumismo e à produção insustentável pré-pandemia. *ClimaInfo*. Recuperado em 13 abril, 2020, de <https://climainfo.org.br/2020/04/02/barrar-producao-insustentavel-e-onsumismo/>
- Lupion, B. (2020). Como o novo coronavírus acentua as desigualdades no Brasil. *Deutsche Welle*. Recuperado em 10 junho, 2020, de <https://www.dw.com/pt-br/como-o-novo-coronav%C3%ADrus-acentua-as-desigualdades-no-brasil/a-53256164>
- O Livre (2020). Casos de feminicídio aumentam 100% durante meses de isolamento social em MT. *O Livre*. Metrôpoles. Recuperado em 23 maio, 2020, de <https://olivre.com.br/casos-de-feminicidio-aumentam-100-durante-meses-de-isolamento-social-em-mt>
- Prates, A. L. (2019). *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Larvatus Prodeco.
- Soler, C. (2016). *O que faz laço?* São Paulo: Escuta.
- Zizek, S. (2020). Un golpe tipo “Kill Bill” al capitalismo. In Davis, M. *et al.* *Coronavírus e a luta de classes*. Brasil: Terra Sem Amos.
- Yancy, G. *Carta Maior*. Pelo mundo. Recuperado em 8 maio, 2020, de <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPelo-Mundo%2FJudith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades%2F6%2F47390&fbclid=IwAR0m73bHejbPQkjG5L8oyS2K7WaEhpy12y8UttlDWILi-V20ChaW0BolVp4I#.XrNDGb6Lb2s.facebook>

Recebido: 13/06/2020

Aprovado: 13/02/2021